



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

O LUGAR DA AVALIAÇÃO NO CURRÍCULO DA ESCOLA: UM OLHAR A PARTIR DOS INSTRUMENTOS UTILIZADOS PELOS PROFESSORES(AS).

Gláucia Maria dos Santos Cordeiro¹, Maria Gírlene Callado da Silva², Lucinalva Andrade Ataíde de Almeida³ (Orientadora).

¹Universidade Federal de Pernambuco-UFPE/CAA, Email: glauciamariasc@hotmail.com

²Universidade Federal de Pernambuco-UFPE/CAA, Email: girlenecallado@hotmail.com

³Universidade Federal de Pernambuco-UFPE, Email: nina.ataide@gmail.com

Resumo: O presente trabalho de pesquisa intitulado “O lugar da avaliação no currículo da escola: um olhar a partir dos instrumentos utilizados pelos professores” tem como objetivo: Compreender a concepção de avaliação presente no currículo das escolas observadas, onde buscamos identificar nas avaliações dos professores, que concepção de educação os currículos das escolas apresentam; e analisar os instrumentos avaliativos propostos pelas escolas. Para tanto, tomamos como campo empírico duas escolas da rede municipal de ensino localizadas no Agreste Pernambucano. Metodologicamente apresenta-se como uma pesquisa de cunho qualitativo; a coleta de dados foi feita através de entrevistas semiestruturadas realizadas com dois professores, sujeitos de nossa pesquisa. Sendo assim este trabalho buscou se aproximar das particularidades existentes no chão da escola, ao problematizar a temática da avaliação dentro da proposta curricular dessas instituições de ensino. Os resultados evidenciam a necessidade de pensarmos enquanto profissionais da educação, a coerência na escolha dos instrumentos avaliativos, a fim de que estes possam favorecer o processo de ensino-aprendizagem, tendo em vista o movimento constante entre as instâncias da Avaliação e do Currículo no espaço escolar.

Palavras – chave: Avaliação, Currículo, Aprendizagem.

Introdução

Ao discutirmos sobre a avaliação no currículo da escola, o estudo aqui proposto nos mantém inscritos à uma discussão que nos encaminha a pensar sobre como as escolas estão trabalhando a avaliação em suas práticas escolares e qual a função da avaliação, a partir do



papel da educação? Nesse viés apresentamos a seguir concepções de avaliação que perpassam no cotidiano das escolas da rede pública das cidades de Lagoa dos Gatos e de Belo Jardim.

Este estudo é fruto das inquietações que surgiram durante as aulas no componente curricular: Avaliação da Aprendizagem, realizadas na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no Centro Acadêmico do Agreste (CAA) na cidade de Caruaru- PE e em seguida realizamos a partir dessa disciplina, entrevistas com professores da rede municipal de ensino das cidades de Lagoa dos Gatos- localizada no interior de Pernambuco e da cidade de Belo Jardim- PE.

Ao se pensar em avaliação logo pode ser percebida a recorrente associação a palavras como: medição, controle, teste, entre outras, que atribuem à avaliação um sentido de classificação. Essa perspectiva acaba por conceber a exclusão dos alunos que não conseguem atingir as metas estabelecidas; é a chamada avaliação responsiva que visa apenas o fracasso ou o sucesso dos alunos.

Ao longo do processo histórico que vai se configurando, a avaliação passa de uma abordagem positivista e tecnicista, para uma abordagem formativa que visa não somente o âmbito quantitativo mais também o qualitativo do processo ensino-aprendizagem, que não se restringe a busca por atingir as metas, mas pensa também em como estas estão sendo atingidas.

Diante dessas questões pensadas e vivenciadas, apresentamos como objetivo geral de nossa pesquisa: Compreender a concepção de avaliação presente no currículo das escolas. Para tanto elencamos como objetivos específicos: A) Identificar nas avaliações dos professores que concepção de educação os currículos das escolas apresentam. B) Analisar os instrumentos avaliativos propostos pelas escolas.

No que tange aos aspectos metodológicos nos aproximamos de uma pesquisa qualitativa, onde utilizamos como procedimentos de coleta de dados a entrevista semiestruturada. As discussões e análises apoiam-se nos seguintes autores: Luckesi (2000), Melchior (1994) e Mendéz (2002). O trabalho está estruturado da seguinte maneira: primeiro



faremos uma breve discussão sobre o processo metodológico aqui utilizado, depois apresentamos o resultado e discussão dos dados, em seguida nossas considerações finais.

Metodologia

Nesta seção descrevemos os caminhos percorridos que nos levaram em busca da compreensão e aprofundamento do objeto investigado. Como já sinalizado anteriormente, o estudo é de natureza qualitativa, que enfatiza a necessidade de adentrar no universo que cerca os sujeitos. Segundo Godoy (1996) há um conjunto de características essenciais que por sua vez são capazes de identificar uma pesquisa qualitativa “Ambiente natural como fonte direta de dados, e o pesquisador como instrumento fundamental; Caráter descritivo; Significado que as pessoas dão as coisas e à sua vida, que deve ser uma preocupação do investigador; Enfoque indutivo”.

Em nossa pesquisa utilizamos como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada, realizada com dois professores. Este tipo de instrumento nos permite a interação entre pesquisador e sujeito pesquisado (Manzini, 2004), ao possibilitar o contato com a fala do entrevistado, onde este pode responder mediante suas concepções/ou entendimentos o que se propõe enquanto questionamentos.

Para o desenvolvimento da pesquisa elegemos como campo empírico e cenário de investigação duas escolas públicas municipais localizadas no Agreste Pernambucano, uma na cidade de Lagoa dos Gatos- PE e outra na cidade de Belo Jardim- PE. A escolha das escolas em cidades diferentes foi justamente, para ter visões outras sobre nosso objeto e porque gostaríamos de compreender como são avaliados os alunos desses municípios.

Ressaltamos que as entrevistas semiestruturadas foram tratadas a partir da Análise do Discurso (AD) na perspectiva de Orlandi (2010). A escolha da AD advém da contribuição significativa para investigar os sentidos que emergem dos discursos dos nossos sujeitos sobre a avaliação e o uso dos instrumentos de avaliação no cotidiano da sala de aula.

Resultados e discussão dos dados: saberes e práticas sobre avaliação na realidade escolar



Nesta seção iremos discutir os achados da pesquisa, a fim de compreender o que propomos como objetivo geral, que foi compreender a concepção de avaliação presente no currículo das escolas. Antes de adentrarmos nessa discussão é importante fazer algumas considerações no âmbito do discurso das discussões sobre avaliação.

A avaliação da aprendizagem escolar se faz presente na vida de cada um de nós Luckesi (2000). Tradicionalmente, nossas experiências com relação às avaliações estão cercadas de concepções classificatórias e excludentes, o que culmina numa divisão dos que aprendem os conteúdos e dos que não aprenderam. Nesta perspectiva a avaliação se torna um elemento de exclusão no âmbito escolar e se distancia de uma avaliação amorosa, inclusiva, dinâmica e construtiva, como propõe Luckesi (2000). Neste sentido, como aponta Mendéz (2002)

Um dos problemas apresentados pelo modelo derivado da racionalidade técnica ao ser aplicado à avaliação é que exige que o professor transfira o conhecimento a respostas precisas e inequívocas. Nele a aprendizagem é algo que se pode medir, manipular, e inclusive prever. (MENDÉZ, p.31, 2002)

O professor neste contexto é chamado a refletir o sentido de uma avaliação da aprendizagem que não se restringe ao uso de instrumentos com finalidades de medição, classificação ou testagem. É possível conceber uma concepção de avaliação, cuja vivência tenha marcas de um instrumento que dialogue com a construção da autonomia, da participação e de uma aprendizagem significativa dos sujeitos. Faz-se necessário atentar ao conhecimento e como o mesmo se materializa na relação entre avaliação e o currículo. Nessa linha Mendéz (2002) nos diz que

Uma questão chave que os professores devem fazer-se ao falar sobre avaliação, como de tantos outros aspectos que a educação abrange, é sobre a sua própria concepção ou visão do conhecimento. (MENDÉZ, p.40, 2002)

Nesta perspectiva o grande desafio dos professores reside no ato de avaliarem a si mesmos, em um exercício de auto-avaliação, que assume papel fundamental, tendo em vista a prática pedagógica desenvolvida. A forma como se avalia os alunos e o que se deseja a partir



das práticas avaliativas que exerce carecem de muito cuidado e atenção.

Com vistas a compreender como a avaliação da aprendizagem é percebida nos dias de hoje nos currículos das escolas, promovemos este diálogo para buscar refletir através de experiências outras como a avaliação é trabalhada nas escolas, e a que concepção estas estão ligadas. A partir da análise dos dados coletados nas entrevistas realizadas, seguem alguns elementos apontados nos discursos de dois professores do ensino fundamental II, que serão identificados respectivamente como: P1 e P2. Percebemos que estes professores reconhecem a importância da avaliação como orientação de suas práticas docentes.

Ao serem indagados sobre quais instrumentos avaliativos utilizam no desenvolvimento de suas aulas, estes se aproximaram ao apontar alguns instrumentos que se repetem em suas práticas, como a prova escrita, e atividades em sala como o ditado. Atentamos ao fato da utilização das provas escritas como instrumento que configura-se tradicionalmente nas atividades avaliativas propostas pelos professores. Sobre os testes Melchior (1994) afirma que

O teste é um instrumento elaborado pelo professor com um objetivo específico e destinado a um determinado grupo, em dada circunstância. A construção desse teste deve adequar-se aos objetivos que pretendem verificar, ao grupo e a situação que será utilizado. Esse teste pode ser **oral ou escrito, prático, objetivo** (de lacuna; certo ou errado, verdadeiro ou falso; questões de associação; de ordenação; de múltipla escolha) e **dissertativo**. (MELCHIOR, p.99, 1994)

A partir desta definição podemos entender que os testes devem estar orientados e adequados a uma determinada circunstância e que os professores precisam enxergar em seu uso um dos caminhos para se avaliar os alunos. Ao ser indagado sobre a utilização dos testes escritos o P1 apontava: *“Eu utilizo a prova escrita para saber se os meninos aprenderam o conteúdo que eu ensinei.* E o P2: *Porque é a forma que eu, professor, tenho de verificar o desempenho de cada aluno em sala de aula.”*

Nesse sentido ambos professores destacam a importância da prova escrita como um mecanismo de verificação do desempenho de cada aluno. Contudo entendemos que este instrumento não deve ser visto como o único que possibilita esse acompanhamento, isto porque cada aluno tem a sua maneira de aprender, para isso o professor deve estar atento e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

utilizar técnicas para que os sujeitos desenvolvam a construção do conhecimento através do uso de instrumentos diversos.

Outro dado relevante ao falarmos sobre as provas é que comumente são associadas ao significado da avaliação da aprendizagem. Os professores quando indagados a respeito dos instrumentos avaliativos logo afirmaram e apontaram a prova escrita ou os testes escritos de modo geral.

Ainda sobre os instrumentos avaliativos, os discursos das professoras nos revelavam que ambos professores definem também como instrumento avaliativo a observação do cotidiano em sala de aula, baseado na participação dos alunos nas atividades propostas e no comportamento em sala. O que segundo Melchior (1994) é uma forma de acompanhar o processo de aprendizagem dos alunos

Observar é um mecanismo natural, através do qual o indivíduo fica informado sobre o seu contexto, para nele melhor situar-se. (...) Pela observação o professor pode constatar dados não apenas do aspecto cognitivo- as dificuldades e as possibilidades de cada um- mas também dos aspectos afetivo e psicomotor. (...)Através da observação, o professor tem possibilidade de melhor conhecer seus alunos, identificando suas dificuldades e avaliando seu desempenho nas diversas atividades realizadas e seu progresso na aprendizagem. (MELCHIOR, p.76, 1994)

Sendo a avaliação como Melchior (1994), nos diz “um dos elementos do processo de ensino e aprendizagem, suas formas serão tão diversificadas quanto forem os objetivos do processo (p. 75)”, o trabalho realizado a partir dos discursos dos sujeitos entrevistados nos revelou que de fato existem diferentes maneiras de se avaliar, e cada professor tem suas escolhas quanto ao uso desses instrumentos.

Para além dessas questões notamos que os professores trazem para suas práticas curriculares, teorias de vários autores mesmo não tendo total conhecimento de tal. Já no tocante a concepção que estes professores possuem acerca da avaliação, percebemos que para eles deve ser um resultado do trabalho desenvolvido em sala de aula. O P1 dizia que: “*As avaliações (provas) são bimestrais, a escola adota quatro unidades, e assim organizo o*



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

conteúdo das matérias em quatro blocos, para corresponder as unidades de ensinosa. Já o P2: Preciso dar conta da proposta que me é passada, e buscar bons resultados nas provas dos meus alunos para apresentar a gestão.” Sendo assim destacam a necessidade dos alunos aprenderem e corresponderem as metas propostas pela escola, apoiados na concepção quantitativa da prática avaliativa expressa nos resultados obtidos por cada aluno nas provas escritas.

Por fim, destacamos um dos discursos do P1 que muito nos inquietou quando nos explicava como utilizava os instrumentos que elegia para avaliar os alunos dizia que: *“A observação pra mim é um momento de avaliação importante, porque quando vou passar a nota para a caderneta atribuo uma nota para cada aluno, sem que eles saibam que estão sendo avaliados.”* Destacamos que é fundamental o uso dos instrumentos de forma coerente com uma proposta de avaliação que tange o contínuo processo tanto de ensino como de aprendizagem.

As avaliações adotadas pelos professores P1 e P2, nos permitiram perceber que os professores utilizam dentro de suas práticas curriculares vários tipos de avaliação, o que não significa dizer que são todas bem utilizadas, ou são ideais, isso vai depender da maneira como cada professor(a) vai mediá-las no cotidiano escolar.

Sendo assim, o professor é chamado a avaliar a sua prática de ensino levando em consideração não somente os instrumentos que escolhe para desenvolver seu trabalho, mas também a forma como os utiliza. Faz-se necessário também atentar a concepção de avaliação como um processo, ou seja, um fenômeno que não é restrito a um momento específico, pois ocorrerá ao longo da vivência discente tanto no espaço escolar como além dele.

Em suma identificamos o quanto é importante compreender, os diferentes instrumentos avaliativos e a concepção de avaliação que as escolas têm adotado em seus currículos, para que dessa maneira seja levado em consideração que não existe uma fórmula pronta para se avaliar, mas que existem várias maneiras de se considerar o saber que pode ser revelado na condição de aprendizagem.

Algumas considerações



Embora a proposta de uma avaliação formativa que ofereça ao aluno autonomia e interação com o processo de aprendizagem seja cada vez mais discutida no cenário educacional, observamos que a avaliação ainda está limitada no espaço escolar como um instrumento de controle por parte dos professores em sala de aula.

Nesta pesquisa que objetivava: Compreender a concepção de avaliação presente no currículo das escolas, ficou evidenciado através dos dados coletados, que a prática pedagógica de cada professor no trato cotidiano com as particularidades da sala de aula revela a sua concepção teórico-curricular acerca do sentido avaliativo, que hora, pode favorecer ou limitar as aprendizagens dos alunos, e o desenvolvimento de suas variadas possibilidades de construção e reconstrução do conhecimento. Fazendo-se necessário a coerência pedagógica nas relações estabelecidas entre os professores e alunos, de forma a ser visível não somente a prática docente, mas também a prática pedagógica discente, que possibilite avançar e sair de uma prática de controle e submissão do conhecimento.

Por isso os instrumentos avaliativos precisam se adequar a realidade dos alunos, em uma perspectiva de avaliação formativa, de forma que lhes permita interagir com o conhecimento. Além disso, se faz necessário pensar na validação dos instrumentos avaliativos, ao entender-se que não há um instrumento melhor que outro, e que um único instrumento não consegue dá conta das diferentes formas de aprendizado de cada aluno.

Em outras palavras é pensar em uma avaliação que estimula o aluno a aprender, pois o inclui no processo de ensino-aprendizagem, e entende esse processo como algo constante e contínuo, não se configurando em um único momento e nem tão pouco somente de uma maneira. Não é somente propiciar aos alunos o que devem aprender, mas a partir de uma prática que proporcione autonomia. Para tanto o professor assume um papel de pesquisador de sua própria ação em sala de aula, utilizando-se do movimento constante de reflexão-ação, que lhes permita compreender que a avaliação é também um exercício ético onde a escuta e o cuidado deve ser a base para um bom ato de avaliar.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Referências

ÁLVAREZ M. J. M. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir.** J. M. Álvarez Méndez; trad. Magda Schwartzaupt Chaves. A retórica da avaliação - Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.

GODOY, A. S. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** In Revista de Administração de Empresas, V35 n° 2, Mar./Abr. p.57-63. 1996.

LUCKESI, C. C. **De avaliar a aprendizagem.** In. Revista Pátio, ano 3 n° 12 fev/abr 2000.

MANZINI, E. J. **Entrevista Semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros.** UNESP: Marília, 2004.

MELCHIOR, M. C. **Avaliação pedagógica: função e necessidade/** Maria Celina Melchior. – porto Alegre: Mercado Aberto, 1994. 152p. – (série novas perspectivas)

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso: princípios e procedimento.** 9 ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.